



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**THAILMA DA SILVA PESSOA**

**A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E A INSERÇÃO DE PROFESSORES HOMENS  
NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO**

**GUARABIRA  
2021**

THAILMA DA SILVA PESSOA

**A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E A INSERÇÃO DE PROFESSORES HOMENS  
NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Fundamentos da educação e formação docente

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Josilene Rodrigues da Silva

**GUARABIRA  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P475f Pessoa, Thailma da Silva.  
A feminização da docência e a inserção de professores homens na educação de crianças [manuscrito] : uma análise de gênero / Thailma da Silva Pessoa. - 2021.  
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Josilene Rodrigues da Silva ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Educação de Crianças. 2. Feminização. 3. Docência. 4.  
Gênero. I. Título

21. ed. CDD 372.24

THAILMA DA SILVA PESSOA

A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E A INSERÇÃO DE PROFESSORES HOMENS  
NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, campus III, como requisito para a  
obtenção do título de graduada em  
Pedagogia.

**Área de concentração:** Fundamentos da  
educação e formação docente

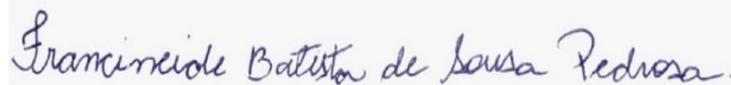
Aprovada em: 24 / 05 / 2021

**BANCA EXAMINADORA**



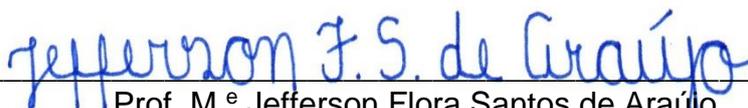
---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Josilene Rodrigues da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Francineide Batista de Sousa Pedrosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. M.<sup>e</sup> Jefferson Flora Santos de Araújo  
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

À Deus, por ser essencial em toda minha trajetória acadêmica. Ao meu amado esposo Genivaldo Florêncio, pelos incentivos diários, força e companheirismo. À minha orientadora, pelas instruções e paciência. DEDICO!

“Onde quer que haja mulheres e homens,  
há sempre o que fazer, há sempre o que  
ensinar, há sempre o que aprender”  
(FREIRE, Paulo).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> -----	<b>7</b>
<b>1.1. Algumas considerações metodológicas</b> -----	<b>9</b>
<b>2 A PRESENÇA DE HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA: ALGUMAS REFLEXÕES</b> -----	<b>10</b>
<b>2.1 A feminização da docência</b> -----	<b>11</b>
<b>3 A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS</b> -----	<b>12</b>
<b>4 POR QUE O NÚMERO DE PROFISSIONAIS MASCULINOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL É TÃO PEQUENO</b> -----	<b>14</b>
<b>CONCLUSÃO</b> -----	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	<b>17</b>

# A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E A INSERÇÃO DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO

Thailma da Silva Pessoa<sup>1</sup>  
Josilene Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre feminização da docência e a inserção de professores homens na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Pretende-se ainda problematizar os principais fatores que contribuem para a feminização do magistério, bem como os atravessamentos sociais, culturais e de gênero que perpassam a docência. Caracteriza-se como uma abordagem qualitativa que se efetivou por meio de estudo bibliográfico, e, para tanto, buscou-se embasamento teórico em: Louro (1997, 2000), Vianna (2013), Scherer (2020), Ferreira (2008), Sayão (2005), entre outros (as) autores(as). Apesar de o exercício da docência ainda ser majoritariamente feminino nessas duas etapas da Educação, a presença de homens é nesse segmento também, ainda que de forma simbólica. Por outro lado, o fato de eles estarem como docentes nesses espaços acaba gerando estranhamento e, em muitos casos, a reprovação por parte da comunidade escolar, da família das crianças e, ainda, dos próprios colaboradores das instituições de ensino. O professor na educação de crianças pequenas dispõe de uma grande importância e contribuição no desenvolvimento integral da criança, bem como, é uma forma de desconstrução de preconceitos e estereótipos da docência.

**Palavras-chave:** Educação de crianças. Feminização. Docência. Gênero.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on the feminization of teaching and the insertion of male teachers in early childhood education and early years of elementary school. It is also intended to problematize the main factors that contribute to the feminization of teaching, as well as the social, cultural and gender crossings that pervade teaching. It is characterized as a qualitative approach that was carried out by means of bibliographic study, for that purpose, a theoretical basis was sought in: Louro (1997, 2000), Vianna (2013), Scherer (2020), Ferreira (2008), Sayão (2005), Lima (2015), among other authors. Despite the fact that teaching is still mostly female in these two stages of basic education, we cannot work with the total absence of male teachers in these segments. On the other hand, the fact that they appear as teachers in these spaces ends up generating strangeness and, in many cases, disapproval by the school community, the children's family and, even, by the employees of the educational institutions. The male teacher in the education of young children is of great importance, since he collaborates a lot for the integral development of the child, in addition to contributing to the deconstruction of prejudices and stereotypes of teaching.

**Keywords:** Childrens education. Feminization. Teaching. Gender.

---

<sup>1</sup>Aluna concluinte do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>2</sup>Orientadora. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Substituta do Curso de Pedagogia, Campus III da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## 1 INTRODUÇÃO

*O mal da ignorância  
Se combate com leitura  
A doença da ganância  
Com humildade se cura  
E na base do respeito  
Se desfaz o preconceito  
Contra toda criatura  
(MESQUITA, Ailton, 2020).*

Início este trabalho com uma literatura do cordelista Aílton Mesquita, por encontrar nas rimas uma forma leve de falar sobre um tema tão importante que é o preconceito existente em nossa sociedade, e que perpassa a inserção de professores homens em determinadas etapas da educação básica brasileira, especialmente, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo este um lugar tradicionalmente ocupado por mulheres.

Durante décadas, a docência na Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental estiveram a cargo de mulheres sem haver discussões ou questionamentos a respeito desse lugar de professora e professor (VIANNA, 2013). Se remexermos nossos baús de memórias, iremos encontrar vestígios e lembranças de uma professora e não de um professor nessas etapas da Educação Básica. A docência é então atravessada por gênero, entendido por Louro (1997, 2000) como sendo uma construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, as características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade, aquilo que se espera individualmente de mulheres e homens.

Hoje, percebo que a docência em nosso país é feminizada, mas ao iniciar o Curso de Pedagogia e no decorrer dos anos, algo foi me chamando atenção, e sempre me perguntava o porquê de uma sala com tantas meninas e poucos meninos. Por que os meus olhos automaticamente corriam sobre eles procurando algum sinal de feminilidade? Isso se explica por meio das lentes de gênero, isto é, o preconceito que carregamos dentro de nós (seja qual for). Neste caso, o pensamento socialmente construído perpassa pela associação do curso ao gênero ou à orientação sexual. (LOURO, 1997).

O tempo foi passando e foi notória a evasão desses homens da sala de aula. Desta forma, a discussão do tema possibilita refletirmos sobre os olhares preconceituosos que cercam o docente, quando o mesmo está à frente de um trabalho que envolve não apenas o educar, mas também o cuidar, característica marcante nessa fase da educação de crianças, tida como espaço de docência feminina, por se tratar do cuidado, elemento social, cultural e historicamente como sendo específicos de mulheres (LOURO, 1997).

Embora muitas mudanças nos contextos educacionais tenham ocorrido, ainda é muito comum a ausência de homens exercendo a docência nessas etapas. A presença deles em maior quantidade se dá no âmbito dos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Superior. Desta forma, a educação escolar de crianças pequenas ainda é função atribuída socialmente às mulheres (LOURO, 1997).

Que a educação, a escola e a docência são marcadamente atravessadas por gênero é inegável, conforme aponta Louro (1997, p. 89): “o que fica evidente sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Construções que passam pela normalização desse

lugar de mulher e o estranhamento quando se trata de homens e isso gera problemas, abrangendo uma classe de profissionais comprometidos (as) com a educação, visto que o preconceito com o profissional nessa fase da educação é muito forte por parte da sociedade que lança olhares de reprovação e desconfiança, por não reconhecerem no professor homem um profissional além do seu gênero.

Normalmente o preconceito é criado sobre diferentes opiniões, que são formadas sem reflexões ou até mesmo pode ser chamado de um conceito precoce, que se forma sobre determinada pessoa, e na maioria das vezes se expressa por impulso acompanhando a sociedade sem saber a que se refere (TEODORO, 2020).

Pensar sobre a docência na Educação Infantil como um papel desempenhado por homens, traz-nos algumas inquietudes com relação às questões de gênero e os preconceitos que existem em torno do exercício do docente tanto em relação aos homens ocupando esse espaço de “professorinha” quanto de mulher em cursos na área de exatas. Desta forma, a questão central deste artigo ainda tem a ver com as minhas inquietações do início da graduação e vão além, tais como: Que fatores contribuem para a feminização na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Por que a presença masculina nessas etapas da educação causa tantos estranhamentos e indagações?

Diante do exposto, esta pesquisa pretende trazer discussões que perpassam pelos contextos históricos e sociais da feminização da docência e a inserção de homens na Educação Infantil, e nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como os preconceitos e estereótipos que socialmente são perpetrados contra homens que ocupam esses espaços educativos, devido ao caráter afetivo e do cuidar presente em práticas docentes com crianças pequenas.

Para tanto, temos por objetivo refletir sobre feminização da docência e a inserção de homens na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Pretende-se ainda problematizar os principais fatores que envolvem essa problemática social e cultural na área da educação, sendo mais problemática inserção de homens na educação infantil.

No tocante à metodologia, esta pesquisa se constitui através de uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico a respeito da temática aqui problematizada. O olhar de alguns teóricos frente a essa questão de gênero explicita no meio educacional infantil, e a ausência causada pelo preconceito, bem como a lenta inserção masculina nessas etapas são trabalhados e problematizados neste trabalho de conclusão de curso.

A título de organização, este trabalho se dividiu em três seções sendo composto por um introdutório, no qual apresento o tema, as ideias base da pesquisa, a problemática, os objetivos e argumentos que sustentam esta produção acadêmica. Na introdução, trago um subtópico composto pela metodologia desta pesquisa na qual apresento algumas reflexões sobre a pesquisa, suas especificidades e possibilidades de trabalho.

A segunda seção, intitulada “**A presença de homens nos cursos de pedagogia: algumas reflexões**”, na qual apresento algumas reflexões teóricas com base em Louro (1997, 2000), Vianna (2013), Scherer (2020), Ferreira (2008), Sayão (2005), dentre outros (as) que discutem preconceito de gênero e feminização da docência com crianças pequenas. A segunda seção apresenta ainda um subtópico intitulado “A feminização da docência”, no qual problematizo a feminização da docência, bem como as relações estabelecidas socialmente entre o exercício do magistério com crianças e construções sociais de gênero.

Já a terceira seção, intitulada “**A presença de professores na educação infantil e suas contribuições para a superação de preconceitos**”, tece análises e discussões sobre preconceitos e estereótipos associados aos profissionais homens inseridos nos Cursos de Pedagogia, refletindo ainda sobre a inserção desses profissionais nesse espaço educacional. Por fim, apresento as considerações finais e reflexões sobre tudo que foi exposto e a importância deste trabalho.

### **1.1 Algumas considerações metodológicas**

Quando nos aproximamos da fase final de um curso de graduação, imaginamos e criamos cenários com diversas possibilidades de pesquisa, vem a ansiedade pela escolha do (a) orientador (a) e aos poucos se vai descobrindo os sabores e dissabores da pesquisa.

Neste estudo não foi diferente, planejei realizar uma pesquisa de campo com professoras (res) da educação infantil e com uma turma de concluintes do curso de pedagogia do ‘campus’ III da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); entretanto, devido ao momento pandêmico que estamos vivendo e suas afetações em diversos campos da sociedade, especialmente na educação e, considerando todas as mudanças necessárias para prevenção da COVID-19, não foi possível realizar a pesquisa da forma desejada. Toda essa dificuldade nos deixa abatidos (as); em contrapartida, não podemos desistir, precisamos ser pacientes e utilizar os meios permitidos para realizar nosso trabalho.

Entende-se que uma pesquisa é desenvolvida a partir das inquietações do(a) pesquisador(a) sobre uma determinada problemática e que, em presença de tal manifestação, procuram-se possíveis soluções para supri-las ou transformá-las. Diante disso a pesquisa se classifica como qualitativa (CHIZZOTI, 2006, p. 28): “o termo qualitativo implica uma prática densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa”. Nesse tipo de pesquisa, todas as informações são resultantes de estudos, de características específicas de todos os mais variados tipos de leitura, na qual buscamos compreender os fenômenos responsáveis por comportamentos e atitudes preconceituosas com os profissionais homens na sala de aula da educação infantil.

Assim, considerando as possibilidades para desenvolver o trabalho de conclusão de curso, este estudo se deu por pesquisas bibliográficas, onde foram explorados livros, artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e *sites* acadêmicos, entre outras fontes de pesquisas. A pesquisa bibliográfica é compreendida a partir de Gil (2007, p. 61):

[...] levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Assim, com apoio dos materiais que a pesquisa bibliográfica proporciona, é que se pretende alcançar os objetivos desta pesquisa, uma vez que se possa ter um conhecimento sobre a importância de se discutir a feminização na docência e a inserção de professores homens nessa fase da educação, bem como a respeito do papel do professor diante desse trabalho.

## 2 A PRESENÇA DE HOMENS NOS CURSOS DE PEDAGOGIA: ALGUMAS REFLEXÕES

*Estimado professor,  
Adorável professora:  
Vocês são a esperança  
De uma nação promissora,  
Depositando uma semente,  
Crendo muito firmemente  
Na escola transformadora.  
(FRANCO, 2020)*

Início esta segunda seção com um trecho do cordel de Gilson Franco, representando um pouco dos desafios vividos diariamente por professores, e evidenciando, de forma positiva, a grandeza e também a importância do trabalho docente para a educação.

Nos Cursos de Pedagogia ainda é comum ter salas com um número reduzido de homens em relação ao quantitativo de mulheres. Socioculturalmente isso é aceitável e normalizado, mas o que é normal precisa ser questionado (LOURO, 2000); isto requer aprofundamento dessa discussão para entender o que realmente causa essa discrepância, se está relacionada apenas ao preconceito. Existe um desinteresse por parte do próprio gênero? Ou ainda será que existe um perfil de homem que escolhe seguir essa profissão? Essa disparidade do gênero feminino no curso de pedagogia é um tocante que nos causa muitos questionamentos.

De acordo com Louro (1997, p. 108), “quem é o bom professor ou professora” ou, mais simplesmente, quem é o professor/a é uma questão que pode, sem dúvida, comportar muitas e diversas descrições, visto que a figura do (a) docente é histórica e socialmente construída por bases moralistas, regulamentos, estereótipos e a noção de que devemos ser professores o tempo todo.

Falar sobre preconceito de gênero é algo que nos leva a explorar diversos campos, embora na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental seja um campo com pouca discussão a respeito desse lugar de docente. Ainda falta um pouco de sensibilização e debates mais amplos acerca das questões de gênero, tendo em vista que o espaço escolar é onde se concentra a maior interação de culturas e trocas de conhecimentos. É importante que a escola, sociedade e educadores (as), reverberem maneiras menos preconceituosas de lidar com um tema tão sensível como a inclusão de professor homem na Educação Infantil. Segundo Louro (1997), a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento, e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens.

Segundo Marcondes (2021), inserido nessa divisão do trabalho baseada em uma visão reducionista e patriarcal acerca dos papéis da mulher e do homem em nossa sociedade, o docente masculino que atua nessa etapa de ensino esbarra em diferentes obstáculos para o exercício de sua profissão, como a dificuldade de sua inserção no mercado de trabalho nas instituições privadas de ensino. Teodoro (2020, p. 11) aponta que “quando um professor homem chega a essa sala de aula, cômico do saber profissional a ser desempenhado, essa comunidade precisará de um tempo para se adaptar a essa novidade”. Desta forma, ressaltamos que o gênero, seja homem ou mulher, não define quem tem competência e entendimento dos objetivos a serem trabalhados, apenas insere a cultura em garantir quem historicamente desempenhou tal papel.

Segundo Bahls e Lira (2019), apesar de o exercício da docência ser majoritariamente feminino na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não podemos trabalhar com a total ausência de professores homens nesse ambiente. Por outro lado, o fato de eles surgirem como docentes nesses espaços acaba gerando estranhamento e, em muitos casos, a reprovação por parte da comunidade escolar, da família das crianças e, ainda, dos próprios colaboradores das instituições de ensino.

## 2.1 A Feminização da Docência

A docência nem sempre foi um campo predominantemente feminino, no Brasil. É interessante lembrar que a escola teve início no século XVI até o XVIII com os jesuítas que foram os primeiros professores, e eram os responsáveis pelo papel de promover os ensinamentos religiosos aos índios. Para isso, eles ensinavam a ler e a escrever, nesse período as mulheres eram restritas aos cuidados exclusivos do lar (LOURO, 1997).

Já na metade do século XIX, era possível ver mudanças nesse cenário, causadoras de fatores políticos, econômicos e sociais da época e as mulheres foram conquistando os espaços públicos antes restritos aos homens. Para Ferreira (2008), esse processo de feminização do magistério não se constituiu apenas através de uma troca de papéis de homens por mulheres, mas de uma forte desvalorização profissional imposta pelo fato de a mulher assumir uma profissão antes caracterizada pela presença masculina. À medida que o magistério com crianças pequenas foi sendo desvalorizado, os homens foram deixando esses espaços e as mulheres foram assumindo.

Em nossa sociedade, as discriminações entre gêneros colocam homens e mulheres em patamares hierárquicos distintos, onde o masculino é o pilar do poder e, assim, profissões que envolvem força física, autoridade, notoriedade, influência e valores ainda são considerados como profissões masculinas, enquanto o trabalho doméstico e a docência com crianças pequenas são culturalmente trabalhos femininos por envolver docilidade, cuidado e afeto, pois a mulher tem “mais jeito” com crianças. Discurso esse que ainda permeia o pensamento popular, bem como influencia na escolha de um curso superior.

Como observa Louro (1997), alguns professores e professoras trabalham, ainda hoje, com a expectativa de interesses e desempenhos diferentes entre seus grupos de estudantes. O conceito de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que o homem provavelmente ainda é aceito. Neste sentido, Scherer (2020, p. 39) destaca que:

Diversos fatores contribuíram para o assim chamado “movimento de feminização do magistério”: se o casamento e a maternidade eram tarefas fundamentais para as mulheres, para que a profissão não se tornasse um desvio destas tarefas, o magistério passou a assumir atributos, tais como amor, cuidado, paciência e atenção, tradicionalmente associados às mulheres. Dessa forma, o magistério pôde ser reconhecido como uma profissão que as mulheres poderiam exercer sem se desviar do seu suposto destino.

Compreender como se deu a feminização da docência é ter a interpretação de que tal processo não se refere apenas à figura de mulheres, mas em especial à ligação da escola a símbolos da feminilidade. É fundamental a compreensão de que tanto as

feminilidades quanto as masculinidades são socialmente construídas conforme o gênero. Ele consiste em cada ato da nossa vida, seja no plano das ideias, seja na proposta das ações. O tempo inteiro o gênero está influenciando e se constituindo o nosso cotidiano.

Há diversas linhas que discutem a feminização docente, entre elas existem as concepções “conservadoras” traçadas pela ideia de “vocação”. As mulheres, por conseguinte, seriam levadas à profissão docente por conta da sua “natureza”, propensa à manutenção das relações humanas e às práticas do cuidado (LIMA, 2015). Dessa forma, a atividade relacionou especificidades naturalizadas como femininas, como, por exemplo, a sensibilidade, o amor incondicional, a tranquilidade, a entrega etc. Assim, a Educação Infantil passa a ser vista como uma atividade que poderia e deveria ser exercida conjuntamente com as atividades do lar. De acordo com Lima (2015, p. 4):

Contar com a participação de mulheres ou de homens na atividade de professoras e professores é pensar em uma pequena parte das dimensões simbólicas da realidade educacional. Qualquer momento da vida educacional de uma criança pode permear uma realidade de trabalho a uma pessoa do sexo feminino quanto masculino, pois as dimensões de feminilidade criadas socialmente, o cuidado, a emoção, a sensibilidade, podem estar presentes em qualquer pessoa.

Acredita-se que surgem tarefas importantes para o professor refletir e avaliar, as concepções de educação historicamente construídas e atualmente vigentes, revelando as dimensões conflituosas vivenciadas por professoras e professores, na perspectiva da construção de relações mais justas e solidárias.

### **3 A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS**

Poucas pessoas têm na memória a figura de um professor nos anos iniciais de escolarização. Um professor regente de turma, que ensina a ler e a escrever, ou seja, um homem diretamente responsável pelo processo de escolarização de crianças na Educação Infantil, e nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Um homem que as crianças possam chamar de “meu professor” (FERREIRA, 2008), sendo assim, encontrar um professor na sala da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é algo pouco comum de se ver.

Isso nos faz refletir que, além de nos entristecermos devido aos empecilhos, também encaramos o desemprego, especialmente quando se trata de instituições privadas da rede de educação infantil, muitas vezes porta de entrada na vida docente. Muitas escolas não contratam professores homens e isso contribui significativamente com a manutenção de preconceitos, dificultando assim todos que se constituem como profissionais pedagogos, adaptando o preconceito ignorante, devastador e sem respeito com os profissionais homens na prática docente.

A partir de Louro (2000), entendemos que a superação das desigualdades sociais só poderá ser entendida e talvez superada quando houver uma conscientização das pessoas sobre suas formas de (re) produção social e cultural. A maneira como cada sujeito se apropria dos papéis sociais impostos a cada sexo influi na construção da identidade de gênero. Louro (1997, p. 85) aponta que no contexto escolar essas construções são efervescentes e

[...] se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

A profissão e a docência na Educação Infantil, são, de fato, elaboradas pelo trabalho cotidiano de homens e mulheres em instituições educativas e não estão unicamente determinados por uma “estrutura de gênero” que desenharia a profissão. Essas concepções cotidianas podem distinguir masculinidades e feminilidades como procedimentos relacionados ao trabalho pedagógico, ao espaço institucional, às crianças e aos profissionais, conforme aponta Sayão (2005, p. 47):

Essa forma de pensar o objeto implica o reconhecimento de que as relações de gênero estão, sob diversos aspectos, presentes nos ambientes de creche. De modo que seja possível mais bem compreender o trabalho docente, faz sentido que tais relações tenham visibilidade, mesmo que as mulheres sejam presença maciça e o trabalho que os homens exercem ainda seja pouco visível.

Nascimento (2020) nos diz ser possível entender que as desigualdades existentes entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres no meio social, é fácil identificar que a justificativa para tais diferenças não é proveniente da natureza e sim das diversas culturas predominantes no contexto social em que estamos inseridos. Nascimento (2020, p. 5) acrescenta que:

Infelizmente a escola ainda está longe de aceitar o homem como professor de educação infantil, pois além de existirem muitas barreiras sexistas, não se problematiza essa questão diante dos sujeitos envolvidos no processo educativo, porém, apesar disso, a escola é um dos caminhos para desconstruir esse preconceito que está enraizado ao longo do tempo, atuando na quebra de paradigmas, bem como se tornando um ambiente com o mínimo de desencontros possíveis em suas ações, ou seja, a escola enquanto propulsora da igualdade tem o dever de ajudar a eliminar os estereótipos de gênero, por isso as ações propostas por ela devem condizer com a prática.

Segundo Ferreira (2020), é importante discutir todos os aspectos que envolvem a sexualidade, em especial as identidades de gênero. Essas discussões devem ser introduzidas nos processos de formação continuada dos docentes das instituições escolares com os discentes, pressupostos defendidos amplamente pela teoria da pedagogia histórica-crítica. Nessa perspectiva, a presença masculina poderia, de certa forma, transformar de maneira positiva os conceitos sexistas referentes aos papéis de homem e mulher no cuidado de crianças. Santana (2015, p. 8) assinala que

A chegada do homem a uma profissão maciçamente feminina é uma singularidade que leva esse espaço a construir novas formas de interação e a construção de uma identidade masculina que passa pela aceitação do profissional que ali se faz presente cotidianamente.

Entendemos que a atuação masculina na Educação Infantil pode ser interpretada, entendida e fundamentada de várias formas, inclusive em formas que reforçam os estereótipos e o machismo. Estereótipo aqui é entendido a partir de Silva e Martins (2016, p. 15) como sendo

Os resultados do preconceito; é uma suposição simplista sobre um determinado grupo ou uma forma de rotular o mesmo, podem ser suposições positivas do tipo “toda mulher é carinhosa”, ou negativas, como “todo baiano é preguiçoso”. Enquanto as definições dadas por alguns estudos são das mais diversas, a maioria concorda que muitas, se trata de pré-julgamentos normalmente negativos sobre determinado grupo.

Acreditar que apenas as mulheres estão aptas a exercer as profissões relacionadas à educação de crianças, ou que apenas as mulheres estão aptas a educar, nesses espaços, ou mesmo no âmbito da família, é o pensamento que escancara os preconceitos, estereótipos e desigualdades em relação ao gênero que permeia a sociedade, e o quanto isso ainda precisa ser discutido e problematizado (SANTANA, 2015). Todavia, trazer esses debates para o âmbito dos cursos de formação de professores e escola, pode ser uma alternativa ao processo de (re) inserção dos homens nas escolas de Educação Infantil.

Segundo Teodoro (2020), acreditando no processo socializador que acontece quando o adulto interage com a criança, as ações de cuidado e educação são indissociáveis: uma ação acontece concomitante com a outra. Outra situação que permeia a relação adulto-criança está na construção do processo de se apropriar do espaço escolar, isto é, a criança depende do adulto para aprender a cuidar de si e a se relacionar com o mundo ao redor. Sendo a escola um ambiente onde um dos propósitos é a socialização dos (as) alunos (as) e a transferência de aspectos culturais, podemos perceber que desde muito cedo as crianças já entendem, mesmo que de forma indireta, esses conceitos.

Silva e Martins (2016) frisam que a escola pode ser vista como uma instituição que transmite a cultura e também uma extensão do lar, onde os pequenos têm a necessidade de ter cuidados, posto que, muitas vezes, os familiares não aceitam esse cuidado, praticado por um homem, ou seja, um professor do sexo masculino que por tantas vezes tem sua profissão dificultada, e é até transferido para outras funções.

O preconceito, visto que é formado na mente humana são aliciadas para o julgamento; isso é um fato no mundo social, que engloba fatores como sexo, raça, idade, religião, biótipo etc. Para Silva e Martins (2016) qualquer coisa que seja distinta do nosso dia a dia gera preconceito, e diversas vezes é movida por falsos valores criados pela sociedade. Muitas vezes, professores que exercem essa profissão são rotulados e logo se procura traço feminino neles, especialmente nos indivíduos que trabalham diretamente com crianças pequenas. Um homem, ao demonstrar um comportamento, digamos socialmente considerado como feminino, é discriminado (LOURO 1997).

#### **4 POR QUE O NÚMERO DE PROFISSIONAIS MASCULINOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL É TÃO PEQUENO?**

Talvez a resposta para esse questionamento não seja tão difícil, visto que a predominância feminina em escolas de Educação Infantil é perceptível. Marcondes (2021) aponta que a grande maioria dos profissionais que exercem suas funções trabalhando com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental são do gênero

feminino; isso ocorre independente da região geográfica ou de dependência administrativa da unidade escolar. Ou seja, o exercício da docência com crianças é ainda tido como profissão feminina.

Dados do censo escolar de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), mostram que com relação à atuação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º aos 5º ano) do total de 557,5 mil professores que atuam nessa modalidade de ensino, 96,6% são do sexo feminino, e apenas 3,4% professores são do sexo masculino (BRASIL, 2017).

Esses números, muitas vezes vistos como naturais, conduzem-nos a refletir sobre as relações históricas, políticas, sociais e também econômicas que possuem como base a visão social do homem e da mulher e a divisão de suas atuações sociais enquanto indivíduos, devido ao seu gênero. Entender as razões pelas quais a presença de docentes masculinos nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda é muito pequena quando comparada à presença feminina, requer que nos debrucemos sobre questões históricas que abordam a visão patriarcal sobre a qual nossa sociedade se ergue e os desdobramentos que dela advêm (SAFFIOTI, 2015).

Entre as principais situações de preconceito está a homofobia, o pensamento de que homens são incapacitados de lidar com crianças por serem desatenciosos ou autoritários, o pressuposto histórico de que a função se trata de um exercício feminino, o receio dos pais em relação à pedofilia e assédio sexual, além do julgamento de que a docência situada nos anos iniciais é uma profissão pouco rentável para homens que querem constituir uma família.

Santana (2015) frisa que existe uma pressão para que os homens não façam carreira nesses segmentos, por parte da família que almeja e projeta outras profissões para eles, que sejam valorizadas social e financeiramente. Assim, ao chegar a um espaço de educação de crianças, é comum os homens se depararem com diversos regulamentos promovidos pela escola, gestores (as), colegas de trabalho, pais e mães, o que resulta muitas vezes em desistência do trabalho pelo professor, quando não é demitido ao menor sinal de transgressão. Antes de qualquer coisa, o professor precisa comprovar diariamente sua idoneidade e competência pedagógica. Santana (2015, p. 32) aponta:

Outra atitude por conta do (gerenciamento) é tentar realocar o professor para outros espaços, ou a despeito de não encontrar formas de tirar aquele “estranho” de um lugar do qual não faz parte, garantir que ele não realize funções que “não lhe condizem”, para não gerar “problemas”: atribuindo-lhe uma turma mais velha e independente que não exija tanto o cuidado e o toque diretamente ou mesmo em uma turma com crianças pequenas, toda a parte do cuidado, é isenta-lhe, e acaba sendo realizada por outras funcionárias que realizam o atendimento a essas crianças, criando até mesmo uma dinâmica, para que esse contato não aconteça. Alguns professores inclusive preferem ficar com as turmas de crianças mais velhas, para evitar problemas.

Silva e Martins (2016) mencionam que um dos pretextos da falta de interesse dos homens pela docência é a pouca remuneração, o que os leva a procurar a indústria e o comércio. Dessa forma, podemos inferir que os poucos homens que desempenham ou tentam exercer essa profissão sofrem algum preconceito pelo fato de a educação de crianças ser associada ao gênero feminino.

Até pouco tempo, no fim da década de 1980 e anos 1990, não era obrigatório curso de nível superior para se trabalhar em creches e pré-escolas. Mas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, art. 62º, mudou. Assim, passa a ser exigida formação docente ao nível superior para

trabalhar na educação básica, especificamente o curso de pedagogia e isso contribuiu para uma maior visibilidade em relação aos profissionais desses segmentos educativos.

Para Teodoro (2020) a lei constrói uma estrutura para que a educação de crianças conquiste um atendimento de qualidade em que o gênero do profissional – homem ou mulher – não determine o trabalho pedagógico a ser realizado com a criança dessa faixa etária, mas a formação que ele (a) tenha. Silva e Martins (2016) contribuem com essa discussão afirmando ser necessário que as instituições de ensino tenham profissionais capacitados para atuarem na educação de crianças considerando os diversos aspectos que fazem parte dessa etapa escolar. Desta forma, faz-se a formação pedagógica de nível superior, e também uma boa porção teórica para exercer com êxito a profissão.

Ainda com base em Silva e Martins (2016), devido aos preconceitos existentes em relação aos homens em sala de aula, pode-se inferir que um dos fatores que colaboram para a ausência de professores homens na Educação Infantil é justamente os estereótipos, discriminações e preconceitos. Observa-se também que essa ausência é cultural, social, histórica e normalizada. Entretanto, podemos considerar que, ainda sendo minoria e considerando que ainda existem barreiras erguidas pelo preconceito, o professor homem (assim como as professoras) é um agente fundamental para o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos - cognitivo psicológico e social. Sua presença nas instituições de ensino infantil contribui significativamente para a minimização dos preconceitos e uma maior aceitação da comunidade escolar.

Portanto, entende-se que a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil é uma atividade exercida quase que exclusivamente por mulheres, tendo em vista a sua relação com a prática de cuidados. Podemos observar que na grande maioria encontramos o gênero feminino nas salas de aula. Acreditamos ser um problema, visto que o gênero é formado por homens e mulheres em suas relações sociais. Ser um profissional da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental não é uma profissão unicamente do sexo feminino, mas a realidade é que elas se encontram em maior número neste espaço, envolvidas com o educar e cuidar de crianças.

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho teve por objetivo refletir sobre as questões da feminização docente e a inserção dos professores homens na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, partindo de um olhar voltado para as questões de gênero. Enquanto aluna, os questionamentos para esta pesquisa surgiram a partir das minhas inquietações pessoais com relação ao pequeno número de homens no Curso de Pedagogia.

Os resultados da pesquisa demonstram que a carência de professores do gênero masculino na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental também pode ser entendida como consequência das concepções enaltecidas na sociedade brasileira, em que é visível a divisão de trabalhos entre os gêneros, e que é urgente a necessidade de debates sobre masculinidade e feminilidade, para que uma visão mais ampla sobre o educar-cuidar na formação de professores seja entendida de forma crítica, podendo garantir, assim, que o professor homem possa desempenhar suas funções de forma concisa.

Apesar de algumas mudanças, ainda se torna evidente a figura materna como principal responsável pelos cuidados e educação das crianças, de maneira que muitas vezes o homem se ausenta dessas obrigações para se encarregar de funções distintas na família.

Através da análise do material teórico, uma pequena quantidade de professores homens habilitados e graduados que assumem o cargo de professores na Educação Infantil termina enfrentando constrangimentos constantes e situações desagradáveis, que incluem suspeitas e desqualificação de seu trabalho. A presença desse profissional em sala de aula muitas vezes é estímulo para comentários referentes à sua orientação sexual, com desconfianças éticas e morais quanto às suas ações.

Dessa forma, embora considerando as diversas resistências de romper com valores enraizados e verdades pré-estabelecidas, através do estudo de leituras, pudemos ver que mulheres e homens têm muito a contribuir com a profissão docente, com suas próprias diferenças, já que a identidade desses profissionais vai além de características determinadas culturalmente como femininas ou masculinas, sobressaindo a estas representações que se manifestam na identidade docente.

Portanto, podemos concluir que uma educação livre de preconceitos de gênero se dá pela liberdade da escolha profissional do homem que deseja trabalhar na educação de crianças, visto que a escolha é um direito de todos; logo, entende-se que a educação deve prezar pela garantia dos direitos humanos fundamentais. É através da educação que as crianças irão adquirir modelos de conduta e saberão respeitar as diferenças, fazendo com que a educação quebre as barreiras do comportamento arcaico e aprenda a lidar com questões de gênero de forma crítica, conscientizando as famílias e transformando a sociedade.

Percebeu-se que a atuação do docente masculino na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é fundamental para a interrupção de visões tradicionais e preconcebidas quanto ao homem realizar atividades de cuidado que, em geral, são atribuídas à mulher.

## REFERÊNCIAS

BAHLS, Diego Paiva; LIRA, Aliandra Cristina. **Onde estão os profissionais do gênero masculino na educação infantil?** Reflexões históricas sobre a docência com crianças pequenas. Guarapuava, Paraná: Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes). Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Censo Escolar da Educação Infantil 2017**: caderno de instruções. Brasília, 2017. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_basica\\_2017](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_basica_2017). Acesso em: 08 maio 2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa quantitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 2006.

FERREIRA, Eduardo Alberto. **A voz do professor do gênero masculino na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I: um sussurro silenciado por paradigmas.** 2020. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2020.

FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças: continuidades e descontinuidades das relações de gênero na escola rural.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FRANCO, Gilson. Professor compõe cordel com reflexão sobre papel dos colegas de profissão no momento da pandemia. **Diário do Nordeste**, Fortaleza – CE, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/professor-compoe-cordel-com-reflexao-sobre-papel-dos-colegas-de-profissao-no-momento-de-pandemia-1.2963268>. Acesso em: 01 maio 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Edmilson Marinho. **Feminização do trabalho docente.** Trabalho apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis – SC, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MARCONDES, Luís Gustavo Rodrigues. Como são percebidos os docentes masculinos que lecionam nos anos iniciais? Uma perspectiva de gênero. **Educação Básica Online**, ano 1, v. 1, p.107–118, 2021. Disponível em: <https://periodicos.editorialaar.com/index.php/educacaobasicaonline/article/view/13/12>. Acesso em: 02 maio 2021.

MESQUITA, Ailton. Um repente por dia. **@instagran**, Brasília, 24 nov. 2020.

NASCIMENTO, Maria Elaine Almeida. **Gênero e Docência: o homem no magistério da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.** Campina Grande: Conedu, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, Sarah Garcia. **Homens na educação infantil?! Reflexões sobre a atuação masculina na educação de crianças pequenas.** Campinas, SP: Editora, 2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCHERER, Renata Porsher. **Retratos da docência brasileira**: um estudo em três tempos (1960-2000). São Paulo: Pimenta Cultura, 2020.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito. **Revista científica Intr.@ ciência**, Guarujá, 2016.

TEODORO, Luciano Gonçalves. **O gênero masculino na docência da educação infantil**: a convivência com professoras e diretoras face ao trabalho pedagógico. Trabalho apresentado no XI Seminário Internacional de La Red Estrado, Ribeirão Preto, SP, 2020.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério da educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.